

11 de Setembro e a construção midiática do Terror

Filipe Moreira de A. Tavares *

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as mudanças do pensamento social da sociedade Ocidental após os atentados do onze de setembro (11/09) atrelado ao grupo terrorista Al-Qaeda, fato este instaurador de novas políticas econômicas, sociais e políticas nos países do Oriente Médio, além de catalizador do sentimento de insegurança até então não difundido. Ademais, buscaremos analisar os impactos da tragédia na construção da imagem dos muçulmanos, sendo reconhecidos pela mídia e pelas populações como terroristas fundamentalistas, e a forma como estas ações impactaram nas políticas imperialistas e intervencionistas nos países orientais. Ademais, abordaremos os distintos conceitos de terrorismo.

Palavras-chave: Terrorismo; Atentados; Mídia

Abstract

This article aims to analyze the changes in the social thinking of Western society after the September 11 terrorist attacks linked to the al-Qaeda terrorist group, a fact that established new economic, social and political policies in the countries of the Middle East, as well as a catalyst for the feeling of insecurity hitherto not widespread. In addition, we will try to analyze the impact of the tragedy in the construction of the image of the Muslims, being recognized by the media and by populations as fundamentalist terrorists, and the way in which these actions impacted on the imperialist and interventionist policies in the Eastern countries. In addition, we will approach the different concepts of terrorism.

Keywords: Terrorism; Attacks; Media

* Graduando em Licenciatura em História na Universidade Federal Fluminense, bolsista do Programa de Educação Tutorial (ProPET-UFF) e pesquisador do Laboratório de História, Política e Cultura (LAHPOC-UFF).

Introdução: Antes do 11/09

A sensação de segurança política e econômica comum aos norte-americanos após a Segunda Guerra mundial e o fim da Guerra Fria, influenciado pelo fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1989, representam um plano social e governamental baseado nos preceitos capitalistas. Após o fim da disputa ideológica entre dois blocos ideológicos e o avanço industrial das potências ocidentais, os norte-americanos acompanharam a sua crescente influência ao redor do mundo e a difusão do ideal de impenetrabilidade ao país, considerado externa e internamente como um local de extrema segurança.

A política norte-americana atrelada ao poder, reiterada após esses eventos, influenciará no pensamento ocidental acerca da comunidade muçulmana. A criação da ideia do outro enquanto diferente, defendida por autores como Edward Said em sua obra *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (1978), demonstra a reprodução de estereótipos acerca dos povos árabes-muçulmanos reforçados após os ataques ao World Trade Center, em 2001.

O Ocidente cristão e o mundo muçulmano não estiveram em guerra desde seus princípios. O imperialismo ocidental encontrou resistências culturais e econômicas pelos países orientais, com distintos hábitos, religiões e costumes contrários a imposição de conceitos e hábitos civilizatórios do Ocidente. Essas diferenças e conflitos acentuados após o atentado estimulará a difusão do Islã, enquanto uma religião fundamentalista e baseada na violência.

De fato, o Islã radical, atrelado a grupos que se opõem ao Ocidente devido ao modo de vida considerado errado pelos fiéis, tem como diretrizes leituras fundamentalistas da religião islâmica que buscam a *Jihad*, uma guerra santa com objetivos bem delimitados e ações planejadas, onde “líderes radicais islâmicos que almejam derrubar os governos que consideram opressivos e hereges” (PINTO, 2004, p. 66) justificam seus atos terroristas através da religião, usada, também, como motor para doutrinar populações locais e coagi-las. No entanto, os movimentos radicais da religião não constituem porcentagem suficiente para que se possa generalizar toda a religião. (ORTUNES, 2007, cap. 1)

Para entendermos o fundamentalismo islâmico devemos localizar o contexto histórico quando o termo foi utilizado pela primeira vez. O fundamentalismo nasceu entre os séculos XIX e XX nos Estados Unidos, entre as religiões protestantes. Devido a isto, alguns autores preferem tratar de “Islamismo Radical” ou “Radicalismo Islâmico” ao abordar o tema.

Utilizaremos neste artigo as duas abordagens, por considerarmos o termo radicalismo de maior compreensão e amplamente utilizado pelos autores.

O Islã radical, vastamente referido e difundido nas mídias, necessita de maior compreensão. Ao nos atentarmos aos discursos norte-americanos a respeito do fundamentalismo, nota-se uma incompreensão do movimento islâmico nos Estados Unidos, como exposto por Edward Said e ratificado por Leandro Ortunes:

Gostaria de poder afirmar que a compreensão geral do Oriente Médio, dos árabes e do Islã nos Estados Unidos melhorou um pouco. Mas, infelizmente, o fato é que isso não ocorreu [...] Nos Estados Unidos, o endurecimento das atitudes, o estreitamento tenaz das generalizações desencorajantes e do clichê triunfalista, a supremacia da força bruta aliada a um desprezo simplista pelos opositores e pelos "outros" encontraram um correlativo adequado no saque, na pilhagem e na destruição das bibliotecas e dos museus do Iraque. (ORTUNES, 2007, p. 12)

As discussões e a “guerra ao terror” originada a partir da tragédia e fomentada pelo governo do ex-presidente Bush, estimulará os debates acerca das concepções de terrorismo e as razões pelas quais são cometidos esses atos (MOREIRA, 2007, p. 11). Os Estados Unidos munidos de discursos protecionistas, justificarão suas intervenções nos países orientais, como Iraque e Afeganistão, através de discursos do inimigo comum: o Oriente, representado através do Islã. Para Noam Chomsky, a Guerra ao Terror será um instrumento militarista para reforçar a soberania dos EUA e legitimar o ideal de combate a oposições sob qualquer custo.

A difusão do pensamento de que o Islã é uma religião de violência desde os princípios, auxiliará nas justificativas do governo norte-americano. O Islã nasce no começo do séc. VII, na Península Arábica, mais especificamente na cidade de Meca. Mohammed, considerado o profeta muçulmano, incomodava-se ainda com os rumos da sociedade Arábica pré-islâmica, alegando haver uma decadência dos costumes, valores tribais, desvalorização da mulher e outros aspectos. (CUNHA, 2004, p. 24-26)

De acordo com as fontes, as primeiras visões do anjo Gabriel tidas pelo profeta enquanto meditava no Monte Hira, nos arredores de Meca, quando tinha seus quarenta anos, revelavam a necessidade de difundir a palavra de Deus. (CUNHA, 2004, p. 23) A atribuição do Islã enquanto uma religião de guerra e violência pode ser questionada através de suas passagens do livro sagrado (Alcorão ou Corão): “combatei pela causa de Deus aqueles que vos combatem; porém não provoqueis, porque Deus não estima os agressores”(ALCORÃO, 2: 190). Nelas a guerra está sob condições específicas de acordo com a lei sagrada. Ademais,

os conflitos entre os povos do Livro (Judeus, Cristão e Muçulmanos) não são incentivados pelo livro sagrado dos muçulmanos, em que se lê:

De sorte que prescrevemos aos Israelitas que quem matar uma pessoa, sem que essa tenha cometido homicídio ou semeado a corrupção na terra, será considerado como se tivesse assassinado toda a humanidade; quem a salvar, será reputado como se tivesse salvo toda a humanidade. (ALCORÃO, 5: 42)

No entanto, a necessidade de legitimação de sua religião como a detentora da verdade e das tradições levará à criação de inimigos e representantes religiosos a serem combatidos, considerados como ameaças à propagação dos ideais da fé e da moral, tais como Osama Bin Laden, representante de sua rede terrorista Al-Qaeda. Nascido em 1957, Osama Bin Laden atuou em território Afegão na década de 1980, contra a invasão soviética, conseguindo cargos militares de respeito e admiração por parte de outros combatentes. Sua influência tornou-se proveitosa ao realizar em 1986 o primeiro campo de treinamento militar, “pagando os soldados e os equipamentos que recebia do Paquistão (e dos EUA) com recursos próprios”. (VIANNA, 2004, p. 4)

Após a derrota dos soviéticos, o seu retorno à Arábia Saudita reforçou seu prestígio social, onde era conhecido nos campos de batalha por ser um homem humilde, garantindo a autoridade sem arrogância e limitando-se a exercer maleavelmente seu cargo. Saudado pelo rei Fahd durante seu retorno em 1989, seus ideais acerca do Ocidente e da expansão do Islã não pareciam afetar à monarquia saudita. No entanto, após críticas severas ao rei por ter permitido a entrada de tropas norte-americanas em solos sagrados, é obrigado a se retirar em 1991 para o Sudão, declarando guerra à monarquia saudita, a Israel e aos EUA. (VIANNA, 2004, p. 5)

Os discursos antiocidentais proclamados por Osama através da Al-Qaeda, criada em Peshawar, na fronteira do Paquistão com o Afeganistão, em 1984, por Osama Bin Laden e Abdullah Azzam, seu mentor, relacionavam-se à submissão do Oriente às potências e a perda das tradições religiosas muçulmanas, lutando pela instauração de um califado, impondo as leis islâmicas – *sharia*, a partir do regime Talibã. (NÓBREGA, 2013, p.13)

O ataque e a espetacularização do terror

No dia 11 de setembro de 2001, por volta das 8:45 da manhã (horário de Brasília), a aeronave do vôo 175 da American Airlines, em solo norte-americano se choca contra a torre norte do World Trade Center, em Nova Iorque. Pânico e caos já eram tema dos noticiários

norte-americanos, quando cerca de quinze minutos depois, outra aeronave do voo 11, da United Airlines, saindo de Boston para Los Angeles, choca-se com a torre sul. (SILVA, 2015, p. 14)

Um terceiro avião, voo 77 da American Airlines, partindo de Washington com destino a Los Angeles, atinge o Pentágono, “sede da defesa norte-americana, por volta das 10:40h”. (SILVA, 2015, p. 14)

A partir deste momento, os símbolos do poder norte-americanos desabavam, deixando uma média de 3.278 mortos e desaparecidos¹, reestruturando as políticas relacionadas à entrada de imigrantes e a imprensa. Os atentados sofridos nas embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia em 1998 (NÓBREGA, 2013, p. 16) pareciam irrelevantes quanto aos ataques em seu próprio território, desconstruindo o ideal de “país mais poderoso desde Roma” (BARBOSA, 2003, p. 73)

Após investigações a respeito dos atentados, o governo norte-americano declarou Osama Bin Laden como mentor intelectual, ideia reforçada após seu aparecimento “em vídeos, de autenticidade questionada pelas autoridades americanas, comemorando o feito.” (SILVA, 2015, p. 15) A este ponto, Bin Laden já era procurado pelos EUA pelos atentados às embaixadas em 1998. Apesar disto, Osama não assumiu publicamente a responsabilidade pelo ocorrido.

Logo, a influência da mídia estimulará os debates acerca do que consiste um ato terrorista e quais as prerrogativas para que um ataque seja considerado terrorista. No entanto, não há uma forma única de definir-se o terrorismo enquanto determinadas práticas e ações. Os ataques, amplamente assistidos por milhões de cidadãos inconformados e boquiabertos com a violência, serão explorados pela mídia para reproduzir estereótipos e gerar conteúdos que alimentem a necessidade de compreensão e especulação acerca do evento.

Filmes, documentários, novelas e reportagens serão produzidas sob a forma de um espetáculo visual, através da transmissão e retransmissão das cenas, revivendo o momento fixamente na cabeça dos telespectadores como panfletagens ou cenas de comerciais e filmes. Silva ao citar Cunha, exprime:

De tudo o que se assistiu é possível tirar a conclusão de que o centro da ação não estava nas vítimas nem nos danos materiais – e sim na mídia. O espetáculo foi minuciosamente produzido para passar na televisão, criando, com o avião perfurando a segunda torre do WTC, a primeira imagem a simbolizar o novo século. Aquilo lá não parecia cinema. Era cinema. Com

¹ A estimativa de número de mortos nos ataques de 11 de setembro é de 3.278, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u9396.shtml>, acesso em Janeiro de 2017.

todos os efeitos especiais que só *Hollywood* é capaz de realizar. (SILVA apud CUNHA, 2015, p. 17)

No Brasil, após o 11/09, entre outubro de 2001 e junho de 2002, teremos a transmissão da novela *O Clone*, tendo seu discurso sido estudado por pesquisadores como Francirossy Campos B. Ferreira, fazendo-se presente a difusão de estereótipos e aspectos da população árabe-muçulmana, como o uso do véu, casamentos, comportamento feminino e outros aspectos. (FERREIRA, 2015, p. 771-802)

A espetacularização do atentado também será recorrente no Brasil através dos jornais e canais de televisão, havendo um aumento nas reportagens sobre os conflitos no Oriente Médio após o 11/09, principalmente nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, onde “conforme Somma, a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo dedicaram um grande número de matérias sobre o Oriente Médio. De um total de 293 matérias em 2001 para 874 matérias em 2002.” (ORTUNES, 2014, p. 34)

O conteúdo dessas reportagens também será foco de questionamentos e fruto de uma visão restrita a respeito dos conflitos no Oriente Médio, relacionando-se à violência e ao extremismo, considerando o conflito Israel-Palestina. No entanto, não nos ateremos a analisar o conteúdo dessas reportagens.

Guerra ao Terror

As políticas de restrição impostas pelos Estados Unidos após os ataques engendrarão o governo a traçar medidas que evitassem novos “transtornos”. A emissão de passaporte, fiscalização nos aeroportos e inspeções de objetos pessoais se tornarão ainda mais comuns. Ademais, após o 11/09 a espionagem através dos órgãos policiais e de inteligência, como o FBI (Federal Bureau of Investigation) e CIA (Central Intelligence Agency) constituirão novos programas de vigilância. (BARBOSA, 2002, p. 78)

A chamada a Guerra ao Terror torna-se problemática ao definirmos o conceito de terrorismo. Enquanto ato, torna-se evidente a utilização da violência a fim de causar danos psicológicos e físicos a um determinado grupo. No entanto, o terrorismo “é um fenômeno fácil de reconhecer, mas difícil de classificar” (ORTUNES apud NASSER, 20164, p. 64) As distinções sobre o que consiste o fenômeno são consistentes quando levamos em consideração o enunciador do discurso. Para os congressistas norte-americanos,

(Um) ato de terrorismo quer dizer qualquer atividade que a) envolva um ato violento ou uma séria ameaça à vida humana que seja considerado delito pelos Estados Unidos ou qualquer outro Estado, ou que seja delito assim reconhecido e praticado dentro do território jurisdicional americano ou de

qualquer outro estado; e b) aparente (i) ser uma intimidação ou coerção à população civil; (ii) influencie a política governamental por meio de intimidação ou coerção; ou (iii) ameace a conduta de um governo por um assassinato ou sequestro. (CHOMSKY, 2002, p, 17)

Conquanto, as Nações Unidas consideram como terrorismo,

Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em indivíduos para fins políticos são injustificáveis em qualquer circunstância, independentemente das considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los.²

Necessita-se para compreender as causas dos atentados, entender os motivos propulsores do ato final. De acordo com Taheri, as organizações terroristas podem atuar de três formas distintas. A primeira relacionada a um grupo que é controlado por algum estado, como por exemplo, o Hezbollah – “organização de cariz fundamentalista shiíta, com sede no Líbano, que opera ao nível político, social e paramilitar.” (NÓBREGA, 2013, p. 61)

O segundo tipo de organização se concentra em questões específicas com ações locais, tais como as organizações palestinas contra a dominação Israelense, além de outros grupos em partes da África. A terceira forma relaciona-se aos terroristas pan-islâmicos, dispostos a uma guerra global contra os “inimigos do Islã”, sejam eles reais ou imaginários. (TAHERI, 2001, pp. 70-73 apud WELLAUSSEN, 2012, pp. 94-95)

Nesta perspectiva, o terrorismo enquanto instrumento e não uma instituição, não é algo concreto, apesar de possuir premissas comuns. O ato terrorista consiste em uma violência qualitativa, e o atentado representa um ponto limitado no tempo e no espaço, utilizando do fator surpresa para desestabilizar o seu oponente e criar surpresa entre a multidão, tendo como alvo, em grande maioria, civis. Este tipo de prática consiste em afirmação política. (WELLAUSEN, 2012, p. 89)

De acordo com Wellausen, o terrorismo praticado é fruto de uma violência sofrida pelos agressores, onde se posicionam como vítimas de uma violência antecedente, das mais distintas formas: dominação política, colonial, religiosa, econômica. Logo, a legitimação da violência está relacionada a uma violência anterior. Apesar disto, nem todos os atentados relacionam-se à religião. Diversos grupos possuem características políticas, como o ETA

² Declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional (Resolução 49/60 da Assembleia Geral, para. 3, disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/>, acesso em Janeiro de 2017.

(Pátria Basca e Liberdade), onde lutam pela criação de um Estado basco no norte da Espanha e no sudoeste da França. (WELLAUSEN, 2012, p. 95)

Destarte, esta assimilação do terrorismo ligado à religião (com enfoque do World Trade Center) amplamente difundida, deve ser indagada após a constatação de algumas análises onde evidenciam que entre os anos de 1980 e 2003, 57% dos suicidas não eram religiosos, além do seu caráter econômico e educacional serem levados em comparação a outros indivíduos de suas sociedades. (ORTUNES, 2007, p. 70)

Nesta perspectiva, o fundamentalismo islâmico não pode ser responsável pela maioria dos ataques entre 1980 e 2003. Deve-se considerar que “os líderes em números de atentados suicidas não são muçulmanos, mas são os Tigres da Libertação do Tamil”, “um grupo predominantemente hindu, responsável por 75 dos 186 ataques suicidas/terroristas no mundo entre 1980 e 2001” (ORTUNES apud PAPER, 2007, p. 73)

Outras mistificações acerca do Terrorismo é a presença de um comando centralizado com estruturas hierárquicas definidas a serem aceitas pelos seus membros. Esta teoria prova-se incerta ao analisarmos a Al-Qaeda e sua estrutura dividida por vários grupos e entidades que agem de acordo com suas necessidades e riscos a serem sofridos. (NÓBREGA, 2013, p. 15) As alianças feitas por essas organizações também definirão a sua eficácia e seu poder de influência no cenário global.

A Al-Qaeda é uma organização terrorista que não depende do financiamento de um Estado. Pelo contrário, ela própria financia pequenas organizações terroristas e oferece apoio logístico a alguns grupos. A sua liderança é, ainda, responsável pela supervisão e controle de uma rede de pequenas células que desconhecem a identidade umas das outras e que dificilmente têm conhecimento de quem são os líderes efectivos da Al-Qaeda. (NÓBREGA, 2013, p. 35)

A estrutura e a ampliação das organizações, além de suas ideologias, como no caso da Al-Qaeda, atrelada aos atentados do 11/09, só será possível através do planejamento e da junção com outros grupos como o Jihad Islâmico Egípcio. O discurso motivará a adesão de novos membros à causa, onde a violência será um meio para atingir uma finalidade. “As justificações para a utilização da violência são, de fato, religiosas, mas os problemas mencionados pela organização são de cariz político e social. Exemplo desses problemas são a opressão, a pobreza e a exploração dos indivíduos” (ORTUNES, 2013, p. 22)

Outras relações devem ser ilustradas ao se considerar o terrorismo. De acordo com Robert A. Pape, em áreas onde ocorrem ocupações estrangeiras há maior susceptibilidade de sensibilidade de grupos terroristas. Os dados pesquisados por Ortunes demonstram que “na década de 80, não há registro de nenhum atentado terrorista suicida direcionado aos Estados

Unidos. No entanto, entre 1996 e 2003 (período que contempla a Guerra do Golfo e a guerra no Iraque, após os atentados de 11/9), foram ao todo 41 atentados.” (ORTUNES, 2007, p. 76)

Considerações finais

Considerando estes aspectos, podemos perceber a confusa e ampla relação dos atos terroristas – caracterizados pelo posicionamento autoral do agressor – e sua dificuldade de definição, além da criação de ideologias e pensamentos pela mídia. Se o objetivo dos atos é estimular o terror e criar sensações de medo, incerteza e insegurança, esses objetivos são finalizados e reforçados pelos veículos de comunicação.

A televisão, particularmente, funciona como uma verdadeira caixa de ressonância, estabelecendo-se entre terrorismo e televisão uma verdadeira reciprocidade: o *teleterrorismo* age com predileção para a televisão e, em troca, a televisão tem o poder de propalar e irradiar os atos terroristas no instante mesmo em que são praticados. O terrorismo é mostrado em espetáculo, às vezes em ritmo de folhetim ou de novela. A partir do direito à notícia que cada telespectador reclama para si, esse direito estende-se a todos os lares e o resultado é a promoção maciça da organização, através da difusão encadeada dos medos, terrores acumulados e ameaças, a partir de um centro terrorista onipresente que alcança todos os cantos do planeta. (WELLAUSEN, 2012, p. 96-97)

A religião e os atentados do 11/09 relacionam-se, quando analisadas os estereótipos criados pela mídia a respeito dos muçulmanos, tornando-se tema de documentários, novelas e filmes. Os jornais constituirão uma plataforma para reproduzir assimilações, conduzindo os leitores a crerem na personificação do terrorista fundamentalista atrelado ao Islã. A exemplo, teremos nos jornais “FSP e OESP a presença e a difusão de dois estereótipos: o do palestino terrorista e o do muçulmano opressor”, onde “o primeiro foi encontrado em ambos os recortes, mas foi especialmente enfatizado no período pós-11 de setembro de 2001.” (CASTRO, 2007, p. 155)

Analisar as causas relacionais dos atentados e as motivações constitui-se em um desafio para o pesquisador devido aos diversos fatores apresentados na cadeia de eventos. Pensar o terrorismo enquanto categoria teórica e o ato enquanto finalidade é relacionar e flexibilizar diretamente as relações de poder, mídia e religião que permeiam as sociedades. Por conseguinte, definir uma causa única para a organização terrorista e para o pensamento ocidental pós 11/09, a respeito da comunidade muçulmana, é insatisfatório.

O mundo e as relações estrangeiras se modificaram após os atentados. A política norte-americana de invasão aos países orientais e a vigilância em massa tornou o território um

local mais hostil e propenso a revanchismos. As exacerbações das diferenças culturais expostas pelos setores de comunicação também fazem parte deste novo pensamento dicotômico baseado entre nós (o Ocidente) e eles (o Oriente).

Deste modo, “podemos considerar que imagem dos aviões explodindo contra as torres gêmeas é o símbolo visual dramático do começo desta nova era da História, da mesma forma que a demolição do Muro de Berlim foi a da anterior” (RICUPERO, 2003, p. 28), originando conflitos ainda pendentes, difíceis de serem definidos e complexos demais para serem simplificados a curto prazo através de termos simplistas.

O desafio de compreender as alterações geopolíticas, históricas e sociais após um evento se constrói de forma complexa e paciente, onde analisar as diversas arestas que compuseram o cenário internacional após o atentado do Onze de Setembro; e as influências exteriores e interiores nos países, sejam eles através da economia, da política ou da mídia, é considerar os distintos processos presentes e futuros em um evento do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Rubens. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil, *Rev. Bras. Polít. Int.* 45 (1): 72-91, 2002.

CASTRO, Isabelle. *Orientalismo na Imprensa Brasileira – A representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001*. Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre, Universidade de São Paulo, 2007.

CHOMSKY, Noan. *11 de setembro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CUNHA, Fawzia O. *Véu sobre a rua Halfeld: Um estudo sobre as mulheres muçulmanas da mesquita de Juiz de Fora e o uso do Véu*. Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

MOREIRA, Deodoro J. *Islã e Terror: estratégias de construção na mídia impressa*. Tese para o título de Doutor em Comunicação e Semiótica apresentado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

NÓBREGA, Carla. *Al-Qaeda: Análise Estratégica da Maior Organização Terrorista do Século XXI*, tese para o título de Mestre, Universidade de Lisboa, 2013

ORTUNES, Leandro. *Mídia e terror: a construção da imagem do terrorismo no Jornalismo*. Tese para o título de Mestre em Ciências Sociais apresentado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007

PINTO, Maria do Céu, *A Jihad Global e o contexto europeu*, 2ª edição. Lisboa, Almedina, 2004.

RICUPERO, Rubens. O mundo após o 11 de Setembro: a perda da inocência. *Rev. Tempo Social*, v. 15, n. 2, 2003.

SILVA, André Luis. *11 de Setembro. Onze minutos, Nove Segundos e uma Imagem: um estudo da produção de imagens do atentado de 11 de setembro de 2011*. Tese para o título de Mestre em Comunicação Contemporânea, Universidade Anhembi Morumbi, 2015.

TAHERI, Amir. O ódio dos muçulmanos ao ocidente é cultivado por governos e imprensa. *Veja*. São Paulo, Ed. Abril, 1732, 26/12, 2001, p. 70-73.

VIANNA, Alexandre M. *Antes do 11 de Setembro: o desafio de definir responsabilidades*. Espaço Acadêmico, nº 124, Setembro de 2011.

WELLAUSEN, Saly. Terrorismo e os atentados de 11 de setembro. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 14 (2), Outubro de 2012.

Fontes virtuais:

A ONU e o terrorismo. **Nações Unidas no Brasil**. Disponível em <https://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/>. Acesso em Janeiro de 2017.

NÚMERO de mortos nos ataques de 11 de setembro é de 3.278 (Reuters NY). **Folha Online**. Disponível em : <http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u9396.shtml> . Acesso em Janeiro de 2017.